

Veículo: AE Investimentos
Data: 18/11/09



Ações e títulos públicos, os mais rentáveis nos últimos sete anos

Pesquisa identifica as melhores – e as piores aplicações – desde 2002, quando surgiu o Tesouro Direto

Yolanda Fordelone - AE

Nos últimos anos, investidores que tinham entre suas aplicações ações ou títulos públicos conseguiram maiores retornos para suas carteiras. Segundo pesquisa do **Instituto Assaf** sobre a rentabilidade das principais aplicações nos últimos sete anos, a Bovespa foi o investimento que proporcionou a melhor rentabilidade, de 28,69% ao ano. Quase empatadas entre as menores rentabilidades apareceram as aplicações na poupança e o investimento em imóveis, de 8,32% e 8,88% ao ano, respectivamente. No terreno negativo, o dólar figurou como único investimento a dar prejuízo ao investidor no período, de 1,19% ao ano.

Para o consultor e pesquisador do Instituto Assaf, Fabiano Guasti Lima, a pesquisa releva alguns pontos. “A primeira questão é que a poupança não é mais sinônimo de rentabilidade preservada”, diz. Apesar de a tradicional caderneta, investimento preferido da maioria dos brasileiros, ter rendido em média 8,32% ao ano, após descontar a inflação deste período um investidor que tivesse aplicado R\$ 100, atualmente teria somente R\$ 115,02.

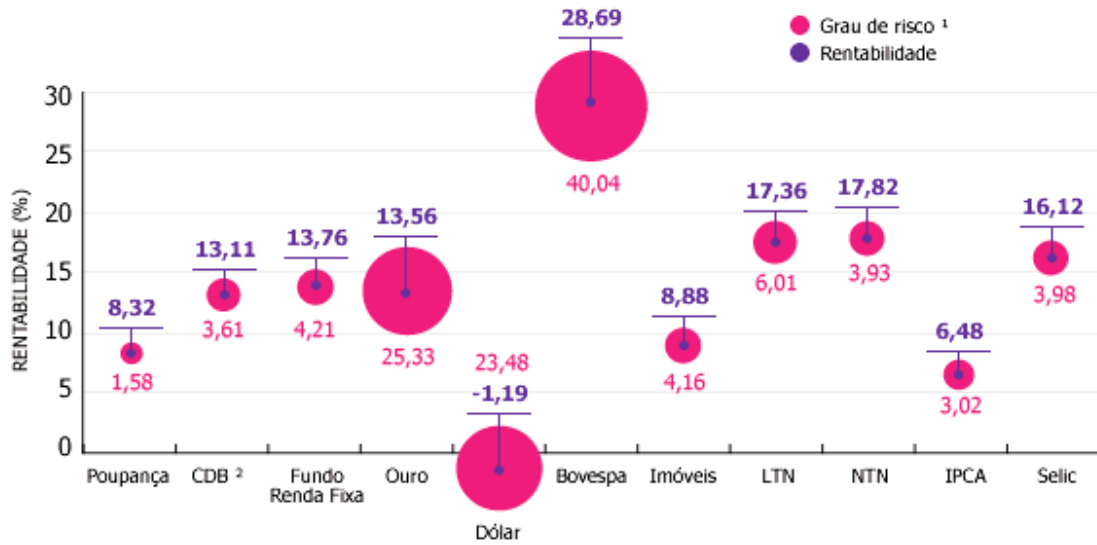
Segundo Lima, quem investe em poupança hoje em dia aplica mais por uma questão de gosto. “Não é parâmetro para ganhar da inflação, pois a diferença é pequena.” Os imóveis igualmente tiveram pouco retorno se for descontada a inflação. Os mesmos R\$ 100 se transformariam em R\$ 119,25 nesses sete anos. “Os imóveis ainda têm o problema da baixa liquidez do investimento.” Para calcular a rentabilidade do bem, a pesquisa considerou a variação do Índice Nacional de Custo da Construção Civil (INCC), que mede a evolução dos custos de construções habitacionais. Segundo o Instituto Assaf, a avaliação do imóvel geralmente é feita com base no valor do metro quadrado da construção.

O consultor e professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Silvio Paixão, explica ser melhor aplicar em imóveis comerciais e industriais, caso este bem componha a carteira do investidor. “É sempre importante ficar atento para que o imóvel não fique vazio, pois o proprietário continuará pagando IPTU e outras contas. Os investimentos em imóveis comerciais têm mais a visão de negócio”, afirma.

Outro ponto levantado na pesquisa é o fato de o dólar não poder ser considerado um investimento, segundo especialistas. “É uma reserva, não um aplicação em si”, afirma Lima. “Encaro o dólar como um ativo que é usado em duas situações: no comércio internacional por grandes companhias ou na diversificação geográfica das aplicações”, completa Paixão.

Rentabilidade média e grau de risco das aplicações ao ano (%)

Entre 2002 e 2009 *

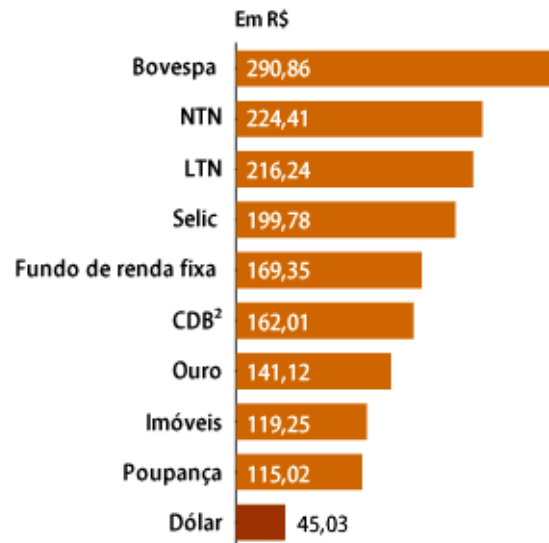


*Até setembro ¹ Calculado a partir do desvio padrão ² CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf

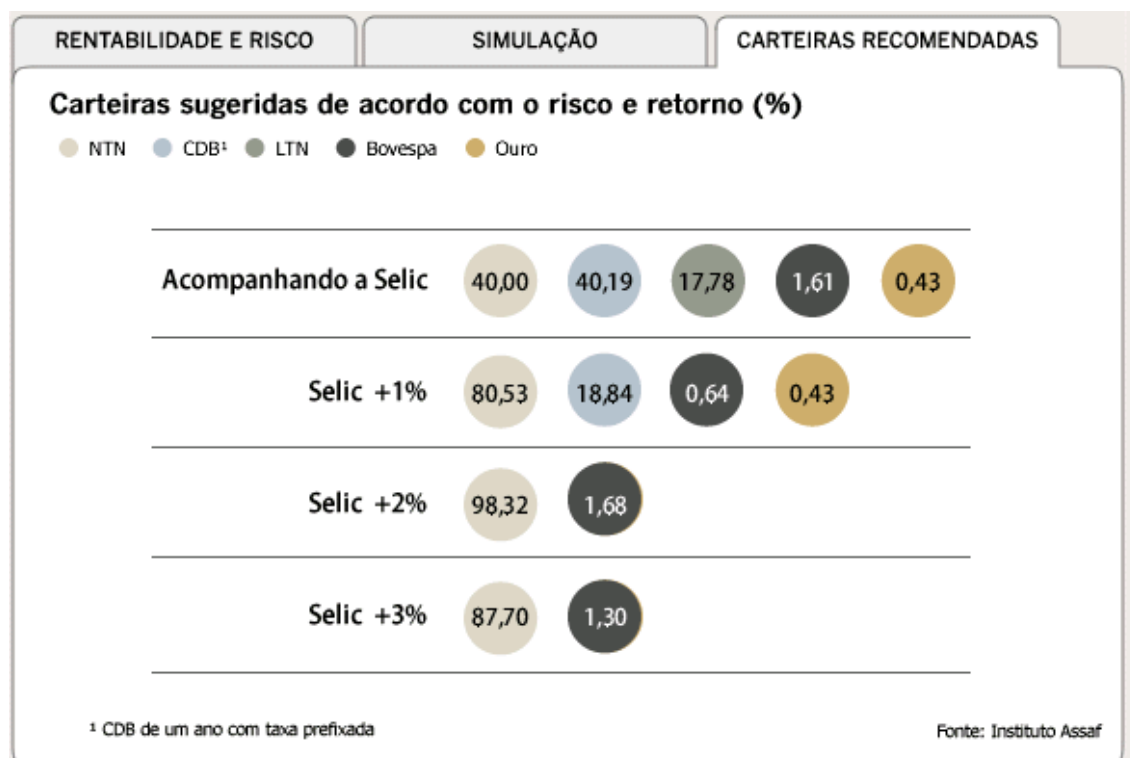


Quem investiu, em 2002,
R\$ 100
embolsaria hoje ...



¹ CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf



Títulos públicos

Para o pesquisador do Instituto Assaf, a rentabilidade dos títulos públicos surpreendeu. "As Notas do Tesouro Nacional – Série B são mais longas, o que acaba proporcionando maiores juros, devido ao prêmio pago pelo risco", explica. As NTN-Bs renderam 17,82% ao ano e as Letras do Tesouro Nacional (LTN), 17,36%, valores superiores ao do próprio juro básico (Selic), de 16,12%. Segundo ele, para ganhar da Selic o investidor tem duas opções: arriscar mais, aplicando em ações, ou alongar a carteira de renda fixa.

"O investidor deve olhar três pontos para montar a carteira: a necessidade de liquidez; o motivo, objetivo para guardar o dinheiro; e o horizonte de tempo do investimento", enumera Paixão. A partir desta avaliação, é possível definir o risco que está disposto a correr.

Nesses sete anos, a Bolsa teve o maior grau de risco medido pelo desvio padrão, que mede o quanto a rentabilidade pode escapar da média, segundo Lima. O desvio padrão da Bovespa foi de mais de 40%. Entre as aplicações conservadoras, as LTNs tiveram o maior desvio padrão, de 6,01%. Por serem prefixados, esses títulos muitas vezes sofrem ampla variação de preços.

A pesquisa foi realizada entre 2002 e setembro de 2009, com 11 investimentos distintos. Segundo o pesquisador, o ano de 2002 foi escolhido como ponto inicial por ter sido o momento da criação do Tesouro Direto e pela maior parte deste período não ter sofrido o efeito de grandes crises internacionais.

Ações e títulos públicos, os mais rentáveis nos últimos sete anos

Yolanda Fordelone

Nos últimos anos, investidores que tinham entre suas aplicações ações ou títulos públicos conseguiram maiores retornos para suas carteiras. Segundo pesquisa do **Instituto Assaf** sobre a rentabilidade das principais aplicações nos últimos sete anos, a Bovespa foi o investimento que proporcionou a melhor rentabilidade, de 28,69% ao ano. Quase empatadas entre as menores rentabilidades apareceram as aplicações na poupança e o investimento em imóveis, de 8,32% e 8,88% ao ano, respectivamente. No terreno negativo, o dólar figurou como único investimento a dar prejuízo ao investidor no período, de 1,19% ao ano.

Para o consultor e pesquisador do Instituto Assaf, Fabiano Guasti Lima, a pesquisa releva alguns pontos. "A primeira questão é que a poupança não é mais sinônimo de rentabilidade preservada", diz. Apesar de a tradicional caderneta, investimento preferido da maioria dos brasileiros, ter rendido em média 8,32% ao ano, após descontar a inflação deste período um investidor que tivesse aplicado R\$ 100, atualmente teria somente R\$ 115,02.

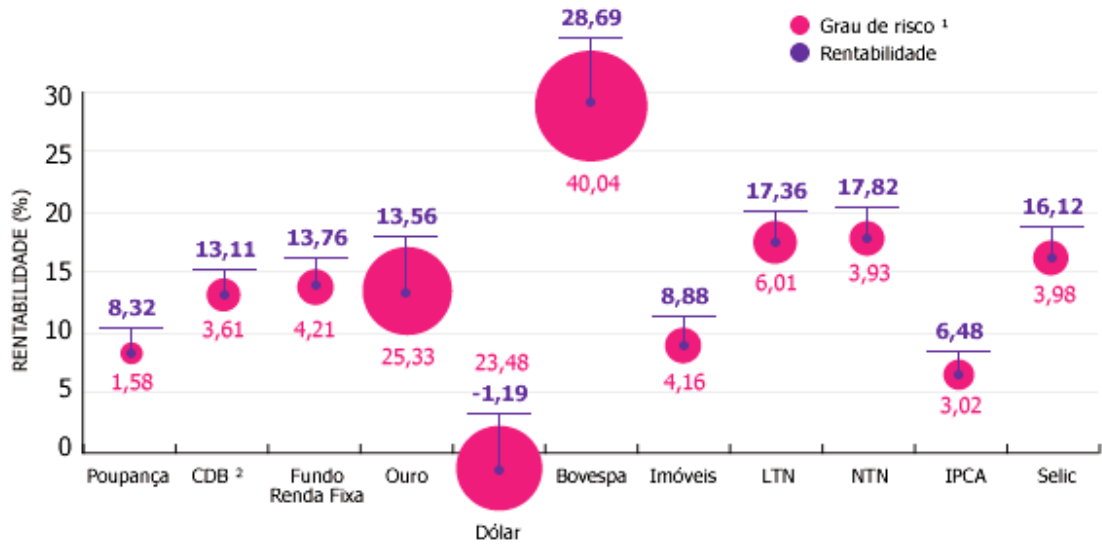
Segundo Lima, quem investe em poupança hoje em dia aplica mais por uma questão de gosto. "Não é parâmetro para ganhar da inflação, pois a diferença é pequena." Os imóveis igualmente tiveram pouco retorno se for descontada a inflação. Os mesmos R\$ 100 se transformariam em R\$ 119,25 nesses sete anos. "Os imóveis ainda têm o problema da baixa liquidez do investimento." Para calcular a rentabilidade do bem, a pesquisa considerou a variação do Índice Nacional de Custo da Construção Civil (INCC), que mede a evolução dos custos de construções habitacionais. Segundo o Instituto Assaf, a avaliação do imóvel geralmente é feita com base no valor do metro quadrado da construção.

O consultor e professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Silvio Paixão, explica ser melhor aplicar em imóveis comerciais e industriais, caso este bem componha a carteira do investidor. "É sempre importante ficar atento para que o imóvel não fique vazio, pois o proprietário continuará pagando IPTU e outras contas. Os investimentos em imóveis comerciais têm mais a visão de negócio", afirma.

Outro ponto levantado na pesquisa é o fato de o dólar não poder ser considerado um investimento, segundo especialistas. "É uma reserva, não um aplicação em si", afirma Lima. "Encaro o dólar como um ativo que é usado em duas situações: no comércio internacional por grandes companhias ou na diversificação geográfica das aplicações", completa Paixão.

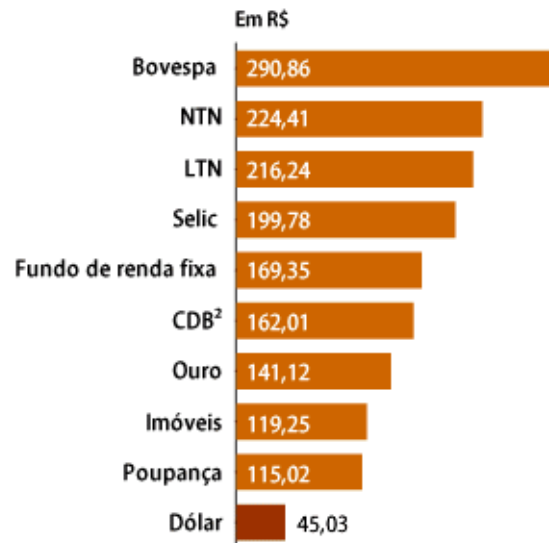
Rentabilidade média e grau de risco das aplicações ao ano (%)

Entre 2002 e 2009 *



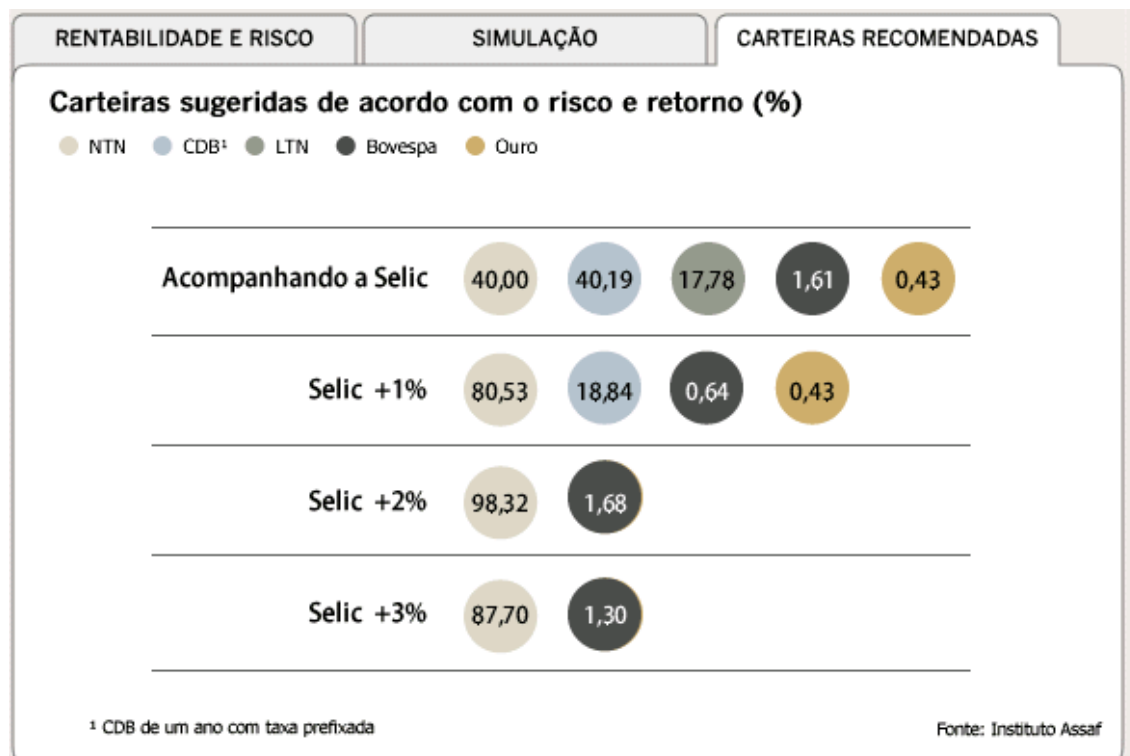
*Até setembro ¹ Calculado a partir do desvio padrão ² CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf



¹ CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf



Títulos públicos

Para o pesquisador do Instituto Assaf, a rentabilidade dos títulos públicos surpreendeu. “As Notas do Tesouro Nacional – Série B são mais longas, o que acaba proporcionando maiores juros, devido ao prêmio pago pelo risco”, explica. As NTN-Bs renderam 17,82% ao ano e as Letras do Tesouro Nacional (LTN), 17,36%, valores superiores ao do próprio juro básico (Selic), de 16,12%. Segundo ele, para ganhar da Selic o investidor tem duas opções: arriscar mais, aplicando em ações, ou alongar a carteira de renda fixa.

“O investidor deve olhar três pontos para montar a carteira: a necessidade de liquidez; o motivo, objetivo para guardar o dinheiro; e o horizonte de tempo do investimento”, enumera Paixão. A partir desta avaliação, é possível definir o risco que está disposto a correr.

Nesses sete anos, a Bolsa teve o maior grau de risco medido pelo desvio padrão, que mede o quanto a rentabilidade pode escapar da média, segundo Lima. O desvio padrão da Bovespa foi de mais de 40%. Entre as aplicações conservadoras, as LTNs tiveram o maior desvio padrão, de 6,01%. Por serem prefixados, esses títulos muitas vezes sofrem ampla variação de preços.

A pesquisa foi realizada entre 2002 e setembro de 2009, com 11 investimentos distintos. Segundo o pesquisador, o ano de 2002 foi escolhido como ponto inicial por ter sido o momento da criação do Tesouro Direto e pela maior parte deste período não ter sofrido o efeito de grandes crises internacionais.

Veículo: Administradores

Data: 18/11/09

Ações e títulos públicos, os mais rentáveis nos últimos sete anos

Nos últimos anos, investidores que tinham entre suas aplicações ações ou títulos públicos conseguiram maiores retornos para suas carteiras. Segundo pesquisa do **Instituto Assaf** sobre a rentabilidade das principais aplicações nos últimos sete anos, a Bovespa foi o investimento que proporcionou a melhor rentabilidade, de 28,69% ao ano.

Quase empatadas entre as menores rentabilidades apareceram as aplicações na poupança e o investimento em imóveis, de 8,32% e 8,88% ao ano, respectivamente. No terreno negativo, o dólar figurou como único investimento a dar prejuízo ao investidor no período, de 1,19% ao ano.

Para o consultor e pesquisador do Instituto Assaf, Fabiano Guasti Lima, a pesquisa releva alguns pontos. “A primeira questão é que a poupança não é mais sinônimo de rentabilidade preservada”, diz. Apesar de a tradicional caderneta, investimento preferido da maioria dos brasileiros, ter rendido em média 8,32% ao ano, após descontar a inflação deste período um investidor que tivesse aplicado R\$ 100, atualmente teria somente R\$ 115,02.

Segundo Lima, quem investe em poupança hoje em dia aplica mais por uma questão de gosto. “Não é parâmetro para ganhar da inflação, pois a diferença é pequena.” Os imóveis igualmente tiveram pouco retorno se for descontada a inflação. Os mesmos R\$ 100 se transformariam em R\$ 119,25 nesses sete anos.

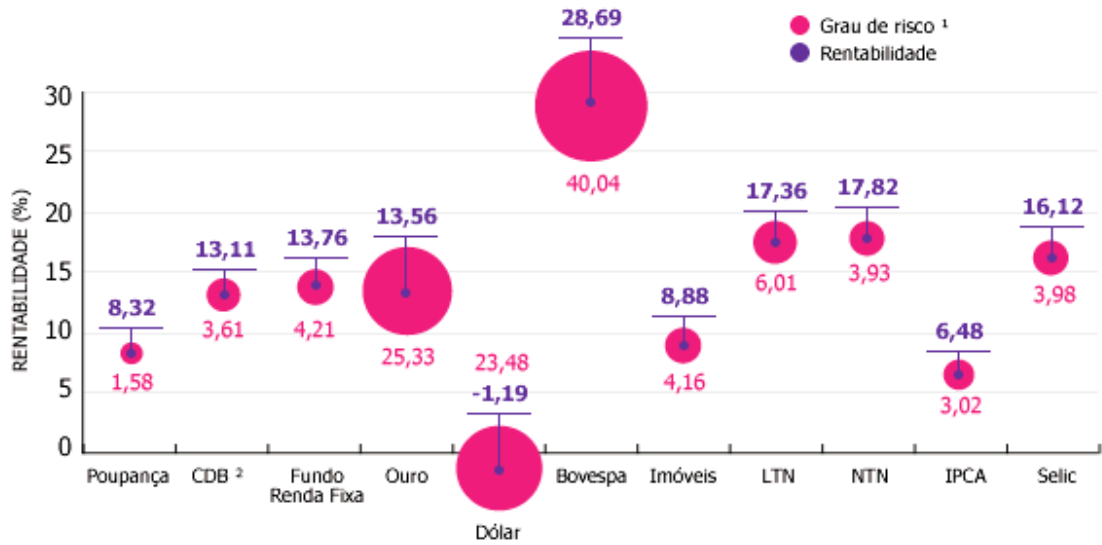
“Os imóveis ainda têm o problema da baixa liquidez do investimento.” Para calcular a rentabilidade do bem, a pesquisa considerou a variação do Índice Nacional de Custo da Construção Civil (INCC), que mede a evolução dos custos de construções habitacionais. Segundo o Instituto Assaf, a avaliação do imóvel geralmente é feita com base no valor do metro quadrado da construção.

O consultor e professor da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), Silvio Paixão, explica ser melhor aplicar em imóveis comerciais e industriais, caso este bem componha a carteira do investidor. “É sempre importante ficar atento para que o imóvel não fique vazio, pois o proprietário continuará pagando IPTU e outras contas. Os investimentos em imóveis comerciais têm mais a visão de negócio”, afirma.

Outro ponto levantado na pesquisa é o fato de o dólar não poder ser considerado um investimento, segundo especialistas. “É uma reserva, não um aplicação em si”, afirma Lima. “Encaro o dólar como um ativo que é usado em duas situações: no comércio internacional por grandes companhias ou na diversificação geográfica das aplicações”, completa Paixão.

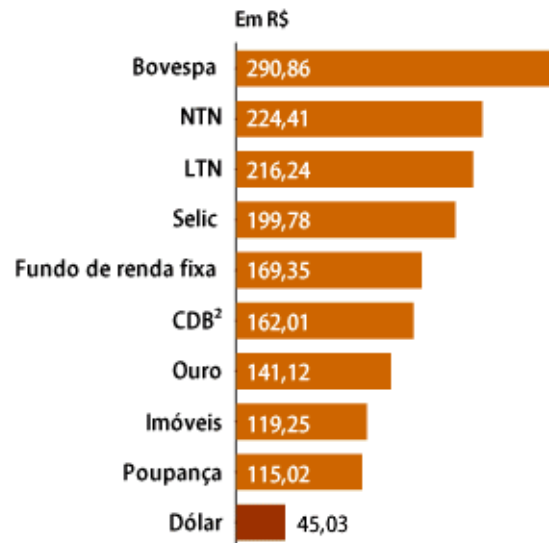
Rentabilidade média e grau de risco das aplicações ao ano (%)

Entre 2002 e 2009 *



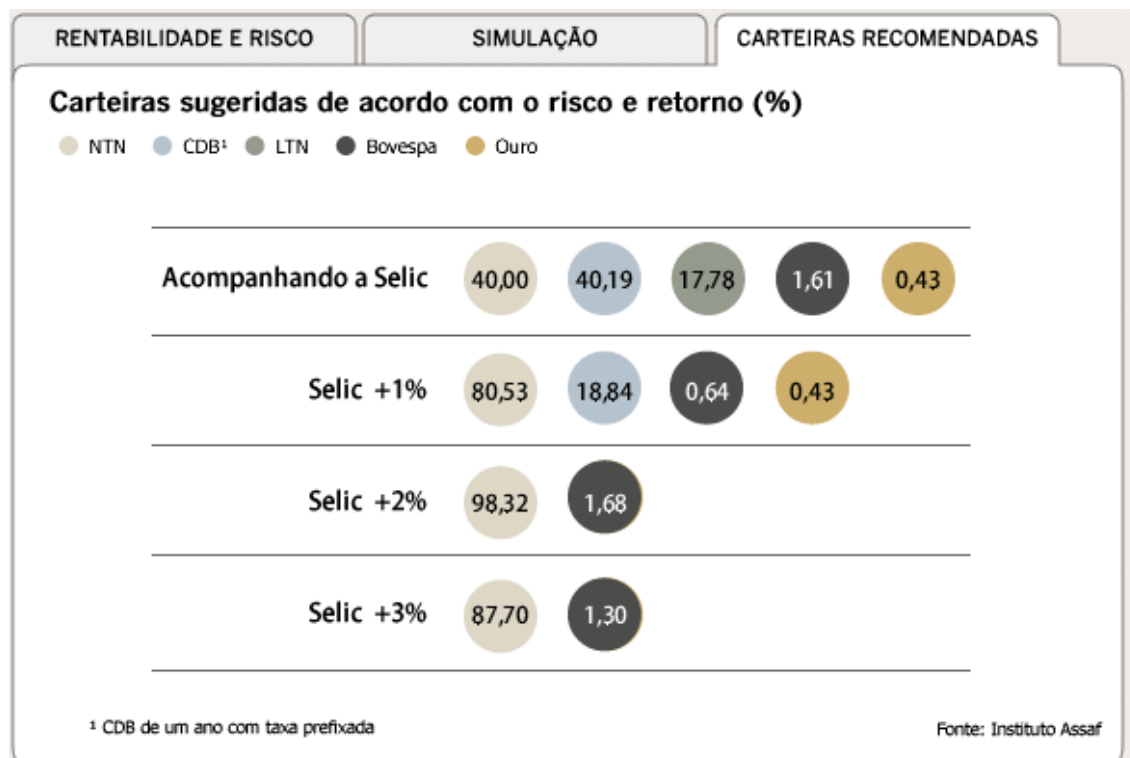
*Até setembro ¹ Calculado a partir do desvio padrão ² CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf



¹ CDB de um ano com taxa prefixada

Fonte: Instituto Assaf



Títulos públicos

Para o pesquisador do Instituto Assaf, a rentabilidade dos títulos públicos surpreendeu. “As Notas do Tesouro Nacional – Série B são mais longas, o que acaba proporcionando maiores juros, devido ao prêmio pago pelo risco”, explica. As NTN-Bs renderam 17,82% ao ano e as Letras do Tesouro Nacional (LTN), 17,36%, valores superiores ao do próprio juro básico (Selic), de 16,12%. Segundo ele, para ganhar da Selic o investidor tem duas opções: arriscar mais, aplicando em ações, ou alongar a carteira de renda fixa.

“O investidor deve olhar três pontos para montar a carteira: a necessidade de liquidez; o motivo, objetivo para guardar o dinheiro; e o horizonte de tempo do investimento”, enumera Paixão. A partir desta avaliação, é possível definir o risco que está disposto a correr.

Nesses sete anos, a Bolsa teve o maior grau de risco medido pelo desvio padrão, que mede o quanto a rentabilidade pode escapar da média, segundo Lima. O desvio padrão da Bovespa foi de mais de 40%. Entre as aplicações conservadoras, as LTNs tiveram o maior desvio padrão, de 6,01%. Por serem prefixados, esses títulos muitas vezes sofrem ampla variação de preços.

A pesquisa foi realizada entre 2002 e setembro de 2009, com 11 investimentos distintos. Segundo o pesquisador, o ano de 2002 foi escolhido como ponto inicial por ter sido o momento da criação do Tesouro Direto e pela maior parte deste período não ter sofrido o efeito de grandes crises internacionais.



***Digital Assessoria
Comunicação Integrada***